

CAPÍTULO 11

O GÊNERO TEXTUAL “HISTÓRIA EM QUADRINHOS” COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

Renata Costa Pachiel

RESUMO

Esse estudo tem como objetivo analisar o gênero textual História em Quadrinhos (HQ) como estratégia de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa para Surdos, a partir de uma pesquisa qualitativa, classificada como pesquisa-ação. Os dados foram gerados por meio de observação em campo e um questionário investigativo, aplicado a três professores que atuavam no ensino-aprendizagem de Surdos na cidade de Curitiba (PR), no ano de 2018. Para atingir o objetivo proposto, abordam-se as políticas educacionais para Surdos no Brasil; investiga-se a apropriação dos gêneros textuais no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa (LP) como segunda língua (L2) para Surdos e conceitua-se o gênero textual História em Quadrinhos (HQ), ensinado em sala de aula como recurso de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Os resultados apontam que o gênero textual HQ contribui para o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa para Surdos.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero Textual. História em quadrinhos. Língua portuguesa. Surdos.

1. INTRODUÇÃO

O sujeito Surdo é aquele que compreende o mundo por meio da sua vivência visual, se comunica em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e têm direito a um ensino numa perspectiva bilíngue, ou seja, tanto a Língua Brasileira de Sinais (Libras) quanto a Língua Portuguesa (LP) na modalidade escrita. O ensino da Língua Portuguesa na modalidade escrita, tem sido uma preocupação constante dos educadores de alunos surdos, pois, por muito tempo no Brasil, predominou, na educação de Surdos, a abordagem oralista, segundo a qual o ensino-aprendizagem se davam exclusivamente por meio da Língua Portuguesa na modalidade oral.

Embora alguns Surdos conseguissem adquirir a Língua Portuguesa por meio da abordagem oralista, a maioria adquiria apenas fragmentos dela, pois, devido aos obstáculos de acesso à língua falada e a pouca familiaridade com essa língua, os alunos Surdos apresentavam dificuldades de entendimento dos textos que liam e também na escrita em Língua Portuguesa. Como consequência dessa abordagem oralista, por muito tempo, os Surdos foram considerados incapazes de compreender e de produzir textos em Língua Portuguesa.

No entanto, nas últimas duas décadas, têm-se observado mudanças significativas no cenário da educação de Surdos no Brasil, bem como no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade escrita para esses alunos. Uma ferramenta de grande importância para o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa para Surdos, uma vez que os alunos têm dificuldade na leitura, na interpretação e na produção textual, é a utilização dos gêneros textuais.

Além disso, os gêneros textuais que dão ênfase a aspectos visuais, como as Histórias em Quadrinhos (HQ), contribuem para um ensino-aprendizagem contextualizado e possuem os elementos que auxiliam nas principais dificuldades dos Surdos, possibilitando o aluno vivenciar o texto de acordo com sua função na sociedade.

Dessa forma, a principal motivação desta pesquisa, surge de inquietações pessoais, relativas as reflexões a respeito dos sujeitos Surdos e sua dificuldade na aprendizagem da Língua Portuguesa (LP). O objetivo da pesquisa foi analisar o gênero textual História em Quadrinhos (HQ) como estratégia de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa para Surdos, a partir de uma pesquisa qualitativa, classificada como pesquisa-ação. Os dados foram gerados por meio de observação em campo e um questionário investigativo, aplicado a três professores que atuavam no ensino-aprendizagem de Surdos na cidade de Curitiba (PR), no ano de 2018. Para atingir o objetivo proposto, abordam-se as políticas educacionais para Surdos no Brasil; investiga-se a apropriação dos gêneros textuais no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa (LP) como segunda língua (L2) para surdos e conceitua-se o gênero textual História em Quadrinhos (HQ), ensinado em sala de aula como recurso de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

Os resultados apontam que o uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) é essencial para o ensino-aprendizagem de Surdos e que, por meio dela, observou-se a ampliação do conhecimento de mundo e do conteúdo escolar, principalmente para os Surdos filhos de pais ouvintes. Além disso, a utilização do gênero textual HQ com Surdos, demonstrou contribuir com o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa escrita para esses alunos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Políticas Educacionais para Surdos no Brasil

A Língua de Sinais foi oficializada no Brasil como veículo de expressão e comunicação por meio da Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), proporcionando novos direcionamentos na formação discente/docente e no reconhecimento da língua da comunidade surda pela sociedade. O Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005), regulamentou a Lei n.º 10.436/2002 (BRASIL, 2002), e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000 (BRASIL, 2000), conceitua pessoa surda da seguinte forma: “Considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras.” (BRASIL, 2005).

O Decreto n.º 5.626/2005 (BRASIL, 2005) é considerado um marco na educação de Surdos, pois regulamentou a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua de instrução e previu adaptações na escola e no currículo, o que impulsionou um projeto educacional para Surdos. O documento discorre a respeito dos Surdos, da inclusão da disciplina de Libras nos cursos de graduação, da formação do professor e do instrutor de Libras, da difusão da condição bilíngue e sobre o direito desta população comunicar-se em Libras em diferentes espaços sociais, da formação dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS), a garantia de direito à educação e à saúde e o papel do poder público (BRASIL, 2005).

A Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002) e o Decreto n.º 5.626/2005 (BRASIL, 2005) impulsionaram a política educacional inclusiva, garantiram aos sujeitos Surdos o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como meio legal de expressão e comunicação (BRASIL, 2002) e estimularam o desenvolvimento de práticas de ensino nos espaços escolares que garantem uma educação bilíngue (BRASIL, 2005).

A educação bilíngue para Surdos estabelece que a língua de sinais brasileira (LIBRAS) deve ser ensinada como primeira língua (L1) para Surdos, preferencialmente, a partir das relações sociais estabelecidas entre pares, no intuito de colocar os próprios Surdos como participantes ativos do processo educacional da sua língua. Na legislação é prevista a participação de ouvintes bilíngues (Libras/Português) no ensino-aprendizagem dos Surdos, desde que esses possuam formação/certificação de proficiência em Libras.

O direito à educação bilíngue para Surdos no Brasil é uma das principais lutas da comunidade surda e tem apresentado avanços nos últimos anos, devido a políticas públicas implementadas e leis voltadas às pessoas com deficiência, como a Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015 (BRASIL, 2015), que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Entretanto, o processo de inclusão escolar, por meio do simples acesso à informação em Libras, não atende as necessidades dos Surdos relativas ao ensino-aprendizagem.

2.2 Gêneros Textuais no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa para Surdos

Conforme apontam Filietaz (2006; 2014), Guarinello (2009), Quadros (2014), Strobel (2008) e Witkoski (2009; 2012; 2013), o ensino da Língua Portuguesa para Surdos é marcado por uma questão principal: a metodologia utilizada em sala de aula não condiz com as necessidades dessa comunidade. Isso se dá, porque as práticas pedagógicas constituem entraves na escolarização das pessoas Surdas, principalmente pelas metodologias nem sempre eficazes,

adotadas para ensiná-los, dessa forma, como afirma Damázio (2007, p. 21), torna-se imprescindível repensar essas práticas, para que os alunos Surdos consigam adquirir o domínio da leitura e da escrita.

Os gêneros textuais estão ligados diretamente a tudo que envolve a língua, isso quer dizer que são condizentes para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, uma vez que se trata de todo texto que circula na sociedade com função e forma própria. De acordo com Marcuschi (2008, p. 40), gênero textual é uma noção propositalmente vaga para referir os textos encontrados na vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Além disso, os gêneros textuais têm um importante papel no ensino da disciplina de Língua Portuguesa, porque permitem um trabalho completo do texto, partindo da leitura até sua produção.

De acordo com Tomlinson (1998), as práticas pedagógicas para o ensino de uma língua devem ter como objetivos: permitir que o aprendiz foque em aspectos formais da língua; encorajar os aprendizes a desenvolverem habilidades cognitivas para a aprendizagem e as utilizarem durante o processo de aprendizagem da segunda língua. Para que esses objetivos sejam alcançados, a primeira preocupação durante o processo de elaboração de práticas pedagógicas deve ser a escolha dos textos que irão compor as atividades.

Os textos, além de ter grande abrangência social, precisam fazer parte do cotidiano do aluno, pois, assim, a leitura permitirá que o aprendiz faça associações com seu conhecimento prévio e infira significados. Ademais, como afirma Tomlinson (1998), os textos também devem incentivar o engajamento do aprendiz, ou seja, promover sua atenção e energia. Isso fará com que ele busque sentidos na escrita, perceba características da língua e se aproxime do contexto de aprendizagem.

Segundo Tomlinson (1998, p. 106), algumas perguntas que podem definir critérios na escolha de textos são:

(1) o texto promove o engajamento cognitivo e afetivo do aprendiz?; (2) o texto se relaciona com os contextos de vida dos aprendizes?; (3) o texto permite que os aprendizes relacionem seu conhecimento de mundo com o conteúdo abordado?; (4) o texto estimula diversas respostas por parte dos aprendizes?; (5) o nível de linguagem do texto se adequa ao nível dos aprendizes?; (6) o texto se adequa à idade e maturidade do aprendiz?; (7) o texto contribui para o desenvolvimento pessoal do aprendiz?; (8) os textos trabalhados expõem o aprendiz a diversos gêneros?; (9) os textos trabalhados expõem o aprendiz a diversos tipos de textos? (TOMLINSON, 1998, p. 106).

A partir dessas perguntas, pode-se selecionar textos que permitem que os alunos se engajem no processo de aquisição de segunda língua e não enxerguem o processo de leitura e escrita apenas como um trabalho com as estruturas linguísticas.

Ao aprender a Língua Portuguesa na modalidade escrita, os Surdos lidam com aspectos específicos dessa língua. No entanto, levando em conta a importância da primeira língua (L1) na aprendizagem do Português como segunda língua (L2) para Surdos, Fernandes (2006, p. 14) comenta que, se houver uma base linguística assegurada pelo acesso à Língua Brasileira de Sinais (Libras) como L1, substituindo a oralidade em conteúdo e função simbólica, o Surdo conseguirá aprender a escrita da Língua Portuguesa. Isso porque, como aponta a autora, as palavras são processadas como um todo quando são percebidas pelo Surdo, sendo reconhecidas em sua forma ortográfica e ligadas a uma significação.

Fernandes (2006, p. 8) destaca também a importância de materiais ricos em imagens e ilustrações, pois eles permitem a contextualização visual do texto, a elaboração de hipóteses sobre os sentidos da escrita e a leitura das imagens, de modo que o aluno, a partir de seu conhecimento de mundo, poderá inferir possíveis efeitos de sentidos produzidos pelo texto.

Assim, pode-se considerar que os pontos centrais na elaboração de práticas pedagógicas para Surdos, devem ser pautados na experiência visual, na LIBRAS e no trabalho com os mais variados gêneros textuais que circulam na sociedade, pois esses elementos possibilitarão que o Surdo possa inferir sentidos do texto a partir do conhecimento visual do gênero trabalhado, ter contato com modelos de uso da língua e elaborar, testar e reelaborar suas hipóteses sobre a língua alvo.

2.3 O Gênero Textual “História em Quadrinhos” como estratégia de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa para Surdos

A História em Quadrinhos (HQ) é um gênero textual que dá ênfase ao aspecto visual, sendo de grande interesse pelos Surdos, podendo propiciar o fortalecimento do hábito de ler, além de proporcionar aos alunos prazer em desenvolver essa atividade no ensino-aprendizagem de leitura e escrita da LP. Ramos (2014), estudioso dos quadrinhos em sala de aula de LP, considera os quadrinhos como um riquíssimo material de apoio didático, por propor aos alunos um bom debate e um maior aprofundamento do que seja o uso da língua.

O autor afirma que as HQs desempenham função fundamental quanto ao ensino-aprendizagem de LP, possibilitando resultados melhores do que outros gêneros textuais, com predomínio de textos escritos. Soma-se a isso o fato de que os estudantes gostam de ler HQ,

pois esse gênero faz parte do seu cotidiano, quando crianças e/ou jovens. Os alunos sentem-se motivados a participarem das aulas de forma mais ativa, pois são estimulados a trabalhar sua curiosidade e desafiados a desenvolver o senso crítico e a interpretação de informações implícitas e explícitas.

A História em Quadrinhos é um gênero bastante prazeroso de ler, pois possui uma linguagem curta e normalmente simples, além disso, abrange também, o campo da linguagem imaginária que atua no desenvolvimento cognitivo do leitor. Esse gênero textual, utiliza uma grande variedade de recursos, tais como metáforas, onomatopeias, estrutura narrativa apresentada por meio da mensagem icônica e linguística, balões de diferentes tipos, letras com espessuras diversas ligadas a ações e sentimentos expressos pelos personagens.

Nesse sentido, Ramos (2006) afirma que o gênero HQ é um texto adequado para o desenvolvimento da oralidade e da escrita, além disso, reforça que, nos quadrinhos, o leitor pode desenvolver sua capacidade de interpretação, pois a estrutura desse gênero textual é muito próxima da oralidade. Sendo assim, ao ler, o aluno consegue identificar quem está falando, o assunto sobre o qual está falando e para quem está falando. Nas HQs, as imagens, os enunciados, os ícones unem-se para que haja a produção de sentidos dirigidos aos leitores de diversas idades, de diversos gostos, de diversas regiões, cada uma com sua especificidade cultural.

Quanto ao seu uso nas aulas, Vieira e Araujo (2014) apontam que as atividades de leitura em sala de aula de LP como L2 para alunos Surdos revelam que as imagens não funcionam apenas como um apoio para a leitura verbal, pois elas se comunicam independentemente do conteúdo verbal.

O gênero HQ serve como um instrumento poderoso para o desenvolvimento de habilidades de leitura de LP como L2, pois exige inferências do leitor durante a leitura, permitem uma melhor sequência narrativa e maior número de pistas contextuais. No que se refere às ações nos quadrinhos, elas ocorrem por meio dos personagens, podendo ser transmitidas pela expressão facial, pelos balões de fala ou de pensamento e pelo movimento expresso em linhas nas imagens das personagens.

O desempenho leitor dos alunos Surdos, depende, principalmente, da aquisição logo cedo da Língua Brasileira de Sinais (Libras), da interação com textos autênticos na língua alvo, no caso a LP, e de um contexto de aprendizagem dentro dos parâmetros bilíngues. Pois os

surdos ainda não têm acesso a uma escrita de sua L1, para funcionar como apoio no momento de letramento em L2.

É importante ressaltar que a leitura tem um papel extremamente importante para a comunidade surda, tanto pelas funções sociais que ela desempenha, como para ser uma forma de interação entre esta comunidade com o mundo ouvinte.

3. METODOLOGIA

A metodologia escolhida para a realização da pesquisa buscou os pressupostos teóricos pautados na pesquisa com abordagem qualitativa. Esse método foi adotado porque “[...] defende uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas.” (GATTI; ANDRÉ, 2010, p. 30). As referidas autoras argumentam que esse tipo de pesquisa “[...] se consolidou para responder ao desafio da compreensão dos aspectos formadores/formantes do humano, de suas relações e construções culturais, em suas dimensões grupais, comunitárias e pessoais.” (p. 30).

Além disso, quanto à classificação da pesquisa, optou-se em adotar neste trabalho a pesquisa-ação. De acordo com Moreira e Callefe (2008, p. 91):

Na pesquisa-ação o enfoque é um problema específico em um cenário específico. A ênfase não é tanto na obtenção de conhecimento generalizável, mas na obtenção de um conhecimento preciso para um propósito e situação particulares (CALLEFE, 2008, p. 91).

De acordo com Moreira e Callefe (2008), a pesquisa-ação na sala de aula é um meio de introduzir abordagens adicionais e inovadoras no processo ensino-aprendizagem, de proporcionar uma alternativa à solução de problemas na sala de aula e de melhorar as habilidades de ensino. O problema específico analisado neste projeto, é a utilização do gênero textual HQ como estratégia de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa para Surdos.

Os participantes da pesquisa foram três professores bilíngues da cidade de Curitiba, que utilizavam gêneros textuais, inclusive HQ, no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa para Surdos, no ano de 2018. Os dados foram gerados a partir da observação em campo e um questionário investigativo, utilizado como instrumento de geração de dados, que foi enviado aos professores participantes por *e-mail*.

A análise dos dados, se deu de acordo com a Análise de Conteúdo de Bardin (2016), cuja obra tem por objetivo apresentar uma avaliação crítica de análises de conteúdo como uma forma de tratamento em pesquisas qualitativas e quantitativas.

Para Bardin (2016, p. 47), o termo Análise de Conteúdo designa:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2016, p. 47).

A partir desta técnica de análise dos dados gerados na pesquisa, foram respeitadas as três fases de análise de conteúdo, a saber, (1) pré-análise, (2) exploração do material e tratamento dos resultados (3) a inferência e a interpretação (BARDIN, 2016).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise e interpretação dos dados gerados, pode-se destacar alguns pontos relevantes para essa pesquisa, que serão especificados a seguir.

Os professores participantes destacaram como principais dificuldades no ensino-aprendizagem de Surdos: a falta de professores com proficiência em Libras, a dificuldade dos alunos Surdos com a modalidade escrita do Português, a falta de material didático adaptado, a falta de motivação dos alunos e a ausência de uma metodologia específica para esses alunos em sala de aula.

Além disso, os participantes apontaram o uso de textos com recursos visuais, principalmente o gênero textual “História em Quadrinhos”, como uma ótima estratégia de ensino-aprendizagem utilizada com os alunos Surdos, além das práticas artísticas, visando estimular o contato deste aluno com a comunidade surda.

Os recursos visuais, como imagens e vídeos, também citados, eram utilizados durante as explicações dos conteúdos específicos, pois funcionavam como apoio na construção do vocabulário e também na escrita de textos em Português. Além disso, as imagens serviam como base na construção do pensamento, na argumentação e na compreensão geral de textos. É importante destacar, que o uso de Libras como L1, foi citado por todos os participantes, como elemento fundamental no ensino-aprendizagem de alunos Surdos.

Ademais, para os professores participantes, o ensino de Português deve ser trabalhado por etapas com os alunos Surdos, ou seja, um conteúdo é escolhido e trabalhado de diferentes formas, visando a fixação dos mesmos. Para isso utilizavam a maior quantidade possível de textos com o mesmo tema, para que os alunos tenham acesso ao maior número de palavras e estruturas gramaticais.

Para os participantes, o ensino de Língua Portuguesa visa a leitura e compreensão da língua, ou seja, segue a mesma metodologia de ensino de língua estrangeira. O importante é a

compreensão geral do texto, mesmo que algumas palavras não sejam entendidas, além disso, estratégias de leitura eram aplicadas em sala de aula, como a inferência.

De acordo com o relato dos professores, as Histórias em Quadrinhos eram utilizadas em sala de aula como uma atividade de compreensão escrita, a partir de uma concepção interacional da língua, de modo que o aluno seja levado a desenvolver a competência leitora, sendo um autor ou construtor social, um sujeito ativo.

Além disso, para os professores participantes, as atividades desenvolvidas em sala de aula com os alunos Surdos, baseadas na leitura de Histórias em Quadrinhos, confirmavam que a leitura é uma atividade que leva em conta os conhecimentos e as experiências do leitor e que o ato de ler não implica simplesmente decodificar um enunciado codificado por um autor, como um leitor passivo. De acordo com Martinez (2012, p. 87), “a leitura é um processo que não se resume à decodificação de sinais gráficos, mas que manifesta uma construção de sentido, a partir de operações físicas e cognitivas complexas.”

Ao discutirem abordagens e estratégias sobre ensino de língua estrangeira, Lightbown e Spada (2004) apresentam algumas crenças de aprendizes, as quais os levam ao maior ou menor desenvolvimento ao aprenderem uma língua estrangeira. Dentre essas crenças, a destacada, pelos professores participantes, é a motivação.

Estudos indicam que motivação está diretamente relacionada ao sucesso na aprendizagem de segunda língua (GARDNER, 1985; GARDNER; LAMBERT, 1972; SKEHAN, 1989). As autoras preconizam o entendimento do professor de que aluno motivado é o que participa ativamente e demonstra interesse no assunto, passando a estudar mais. Por isso, as autoras defendem que o professor deve fazer com que os alunos tenham interesse pela aula, achem o conteúdo relevante e adequado para sua idade e nível cognitivo, ou seja, as aulas devem ser desafiadoras e claras.

A motivação nas aulas de LP como L2 para Surdos, foi apontada como o foco principal dos educadores participantes desta pesquisa, e, sabendo que os alunos gostam de HQ, os professores optaram por usá-la na aula de LP devido ao apelo visual, pois as características dos personagens já conhecidos pelos alunos, facilitariam a compreensão da história, mesmo que eles desconhecem algumas palavras.

A pesquisa indicou que a proficiência dos professores em Libras, a língua materna dos surdos, influencia o processo de aquisição da língua pelos alunos Surdos e corrobora na formação da identidade desse indivíduo. Pois, além de facilitar a comunicação, o professor

consegue entender as limitações dos seus alunos diretamente e assim trabalhar de forma eficaz ante os conhecimentos da turma.

Em relação a metodologia de ensino utilizada com alunos Surdos inseridos em escolas regulares, os professores entrevistados concordam, que não existe inclusão de fato, pois os conteúdos das disciplinas são transmitidos por professores não bilíngues, de maneira igualitária aos alunos Surdos e ouvintes, não existindo diferencial na metodologia aplicada. Além disso, destacam que os professores regentes, não bilíngues, tentam explicar o conteúdo oralizando e apontando para o livro, o que torna a aprendizagem do aluno falha. Para os entrevistados, o cenário ideal, dentro das escolas regulares, é que os alunos surdos tenham, além do acompanhamento de um intérprete, professores bilíngues em Libras.

Quanto ao material didático utilizado pelos professores participantes, destacam-se o gênero textual Histórias em Quadrinhos e os demais recursos visuais, dedutivos e demonstrativos, como o uso da internet, imagens, animações, etc. O tipo de material didático, citado pelos participantes, utilizado nas aulas, eram basicamente textos com imagens, histórias em quadrinhos, jogos produzidos de acordo com o conteúdo, dicionários e cartazes.

Os participantes afirmaram perceber mudanças significativas na utilização de estratégias de ensino voltadas para alunos Surdos na sua área de atuação, porém, ainda são poucos os professores bilíngues em Libras e, os professores não bilíngues, não possuem formação necessária para adaptar o ensino dos conteúdos aos alunos Surdos, deixando essa responsabilidade muitas vezes ao intérprete de Libras e tornando o aprendizado um desafio para esse aluno.

Além disso, para os participantes, o ensino tradicional não funcionava nem mesmo com alunos ouvintes, ou seja, para eles, cabe ao professor entender sua turma e desenvolver sua própria estratégia de ensino-aprendizagem para aquele grupo. Porque, muitas vezes, o que funciona para uma turma não funciona para outra, dependendo do nível de conhecimento dos alunos e do interesse dos mesmos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apropriação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e da Língua Portuguesa (LP) na modalidade escrita, no contexto escolar, constituem as bases para a construção de uma proposta bilíngue. De acordo com Oliveira (2001), o aprendizado da linguagem escrita possibilitará que os sujeitos Surdos a utilizem em contextos significativos, preferencialmente partindo de textos que circulam socialmente a partir de trocas interativas entre seus pares.

Nessa direção, o trabalho com a escrita de Surdos deve partir, portanto, do seu uso efetivo, considerando as condições de produção da linguagem e a relação estabelecida entre autor e leitor. Isso está de acordo com uma visão discursiva, social e histórica da linguagem, conforme exposta neste trabalho, a qual traz novas possibilidades de compreensão do processo de apropriação da escrita e considera a historicidade da linguagem, as situações efetivas de uso da escrita e o contexto social das interações verbais.

Grande parte das escolas especiais, no Brasil, ainda não utiliza uma abordagem bilíngue, na qual as duas línguas são igualmente valorizadas. O Surdo que estuda em escolas regulares tem direito a um intérprete de Libras, sendo que muitas vezes nem utiliza a Língua Brasileira de Sinais. De acordo com Witkoski (2012), esses fatos fazem com que ainda hoje muitos Surdos, além de não ser proficiente em Libras, também não apresentam um nível de letramento compatível com seus anos de escolarização.

Fernandes (2006) também destaca que a Língua de Sinais utilizada pelas pessoas surdas oferece os elementos simbólicos essenciais ao desenvolvimento das funções psíquicas superiores, como o pensamento, a memória, a formação, a generalização de conceitos e outras, e que a partir do desenvolvimento da primeira língua os surdos podem, enfim, se apropriar e desenvolver a LP como L2.

Um suporte linguístico em casa, por meio de interações dialógicas significativas, é imprescindível para que as crianças surdas possam ampliar suas possibilidades e seu conhecimento de mundo. Nessa perspectiva, a escola também necessita proporcionar ao Surdo esse diálogo, a compreensão e a aproximação das informações com o seu cotidiano, com isso amenizando suas dificuldades na escolarização e na socialização e possibilitando seu desenvolvimento cognitivo.

É necessário que, no processo de inclusão educacional dos Surdos, destaque-se não apenas a questão linguística, o reconhecimento e uso da Língua Brasileira de Sinais, mas também os aspectos sociopolíticos-culturais. A partir disso, as relações sociais estabelecidas na escola são também fundamentais para o processo de constituição dos sujeitos Surdos.

Nesse contexto, os gêneros textuais servem como importante apoio metodológico para os professores bilíngues no ensino de Língua Portuguesa como L2 para alunos Surdos, pois ajuda na compreensão linguística inserindo socialmente esse aluno através de temas atuais e de grande repercussão político-social. Além disso, o gênero textual História em Quadrinhos, como

citado neste trabalho, utiliza de recursos visuais e temas atuais, o que contribui com o ensino-aprendizagem dos alunos Surdos.

Dessa forma, conclui-se que a criação de novos recursos pedagógicos e estratégias de ensino-aprendizagem, como a utilização do gênero textual História em quadrinhos, contribui significativamente para o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa para Surdos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil, [1977] 2016.

BRASIL. Constituição. **Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Brasília, 22 dez. 2005. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acessado em: Dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002**. Brasília, 24 abr. 2002. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br>>. Acessado em: Dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ensaio pedagógico** – construindo escolas inclusivas. Brasília: MEC, SEESP, 2005.

BRASIL. Constituição (2015). **Lei n.º 13.146, de julho de 2015**. Estatuto da Pessoa Com Deficiência. Brasília, jul. 2015. Disponível em: <<https://legislacao.presidencia.gov.br>>. Acessado em: Dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Brasília, 19 dez. 2000. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br>>. Acessado em: Dez. 2022.

DAMÁZIO, V. Modernidade líquida e consumo consciente: necessidade e possibilidades de discussão. **Revista Ecs: Educação, cultura e sociedade**, Sinop, v. 7, n. 2, p.578-591, jul. 2007. Semestral. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/educacao/article/view/2481/2012>>. Acessado em: Fev. 2023.

FERNANDES, S. **Práticas de letramentos na educação bilíngue para surdos**. Curitiba: SEED. 2006. Disponível em: <https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/Fernandes_praticas_letramentos-surdos_2006.pdf>. Acessado em: Fev. 2023.

FILIETAZ, M. R. P. **Políticas Públicas de Educação Inclusiva: das normas à qualidade de formação do intérprete de língua de sinais**. 2006. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Políticas Públicas, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2006.

FILIETAZ, M. R. P. A idiossincrasia Profissional instituída para a Educação Bilíngue. In: WITKOSKI, S. A.; FILIETAZ, M. R. P. (Org.). **Educação de Surdos em Debate**. Curitiba: UTFPR, 2014, p. 147-160. Disponível em:

<<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3548/1/educacaosurdos.pdf>>. Acessado em: Fev. 2023.

FILIETAZ, M. R. P. **Histórias orais de docentes surdos acerca da apropriação da linguagem e as contribuições da língua de sinais**. 2016. 206 f. Tese (Doutorado em Distúrbios da Comunicação), Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2016.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente - A teoria das inteligências múltiplas**. 1ª ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GARDNER, R. C. e LAMBERT. W. E. **Attitudes and Motivation in Second-Language Learning**. Newbury House Publishers. Rowley. Massachusetts. 1972.

GATTI, B.; ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: Teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GUARINELLO, A. C. *et al.* Surdez e letramento: pesquisa com surdos universitários de Curitiba e Florianópolis. In: **Revista Brasileira de Educação Especial**, Universidade Estadual Paulista. v.15, n.1, Marília: ABPEE, p. 99-120, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/z8zcTrTKfVWY6rw8Wpcnynn/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em: Fev. 2023.

LIGHTBOWN, P. M.; SPADA, N. **How languages are learned**. Oxford: Oxford University Press. 2004

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo, Sp: Parábola Editorial, 2008.

MARTINEZ, A.M. **A expressão da criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita: um estudo de caso**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 1039-1054, out./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022015000401039&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: Abr. 2023.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

OLIVEIRA, L. A. **A escrita do surdo: relação texto e concepção**. In: Reunião Anual da ANPED, 24, 2001, Caxambu, MG. Intelectuais, conhecimento e espaço público (Anais). Caxambu: Revista Brasileira de Educação, 2001, n.p. Disponível em: <<http://24reuniao.anped.org.br/tp1.htm#gt15>>. Acessado em: Abr. 2023.

QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. de. (Org.). **Letras Libras ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: UFSC, 2014.

RAMOS, P. **Quadrinhos na educação**. São Paulo: Contexto, 2006.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2014.

SKEHAN, P. A. **Cognitive Approach to Language Learning**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

STROBEL, K.L. **Surdos: Vestígios culturais não registrados na história**. 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2008.

TOMLINSON, B. Introduction. In: TOMLINSON, B. (Comp.). **Materials development in language teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

VIEIRA, P. A.; ARAÚJO, V. L. S. A leitura em português como L2: análise das possíveis crenças dos professores de surdos. **Entretextos**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 265–275, 2014. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/18542>>. Acessado em: Fev. 2023.

WITKOSKI, S. A. Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada. **Revista Brasileira de Educação**, Curitiba, v. 14, n. 42, p. 565-606, dez. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/6ptNkpmYjjqs8VB6p4hvGRd/?lang=pt&format=pdf>>. Acessado em: Fev. 2023.

WITKOSKI, S. A. **Educação de surdos, pelos próprios surdos: uma questão de direitos**. Curitiba: CRV, 2012.

WITKOSKI, S. A. Problematização das Políticas Públicas Educacionais na Área da Educação Bilíngue de Surdos. **Revista Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, SP, v. 24, n. 2, p. 86-100, 2013. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2481>>. Acessado em: Mar. 2023.